

Visado pelo
Comissário de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XI • N.º 280 • PREÇO 1\$00

UM ACONTECIMENTO

NOTA DA QUINZENA

Acaba de se realizar na cidade de Barcelos uma festa de homenagem ao Bispo D. António Barroso, por ser ali o seu berço e fazer um século que Ele nasceu. Gosta-se de ouvir notícias deste género. Elas são uma afirmação dos valores espirituais. Ainda que não fossem outras, só por esta razão vale a pena trabalhar com amor pelo Bem dos homens: *labor vester non est inanis*. Daí estas reuniões solenes, aonde se desenterram homens e se prega ao mundo a Imortalidade. Gosta-se destas notícias.

O senhor D. António, Missionário do Congo, foi o homem do seu tempo. Encheu a história. Coisas pequeninas tornaram-no um gigante; de uma vez, também em Barcelos, a Câmara de então quis prestar-lhe as honras de haver sido transferido da Índia e feito bispo do Porto; tendo-o deitado numa Sessão magna, antes de ir a Remelhe, ver a Mãe. Começam os oradores. Nisto, o Festejado olha. Pareceu-lhe ver ao fundo alguém conhecido... Torna a olhar. Não há dúvida. Era ela! Levanta-se. Abre caminho. Há o encontro. Toma-a consigo. Regressa ao estrado. Fá-la sentar na sua própria cadeira. Acabou a sessão. Estava tudo dito!

Não sei que algum bispo da história de Moçambique tenha ido ao Zumbo antes d'Ele.

Era uma jornada de quinze dias por carreiros de preto. Ele foi. Ao passar por Tete, já de noite, bate à porta do Anacleto Martins, velho colono, que passou dos oitenta; a família estava à mesa quando o moleque anuncia dois *padiri*. Anacleto manda recado: *entrem que ainda há duas argolas*. Entraram. O Prelado tomou uma das *argolas* e jantou familiarmente.

Fumava charuto. Uma vez que vim a Portugal, fui a Remelhe levar ao Deserrado a prenda amiga de um missionário: um cachimbo queimado. Fumava. Parecia do mundo e não; era um homem de Deus!

Só Ele mereceu ocupar e preocupar os homens do Terreiro do Paço, *naquele tempo*. Duro. Tenaz. Rebelde. Uma só cara. Não torceu nem quebrou. Só Ele!

Porém, a grande loucura, está no amor aos Pobres. Desmandos. Imprudências. Coisas *mal feitas*, — tudo. Um cordão que a Mãe lhe dera, gastava-se aos bocadinhos, quando não havia dinheiro. Os seus familiares sabiam muito, sim, mas não tudo. Os grandes escondem-se.

E é justamente agora que temos o verdadeiro acontecimento.

Chegados que fomos ao alto de Gaia, eu disse ao volante que metesse pela ponte de baixo: trazíamos umas horas de viagem silenciosa. O meu companheiro não abriu a boca desde o início. Ótimo. Nada que mais encha a vida do homem, do que ver e sentir o Criador na sua criação. As viagens dão-nos essa oportunidade. Não é panteísmo; é S. Paulo: *per visibilia ad invisibilia*. Gosto de um companheiro assim.

Chegados à boca do túnel da Ribeira, mandei parar e pergunto-lhe se se não importa de vir comigo; tendo recomendado ao rapaz que nos esperasse à saída, depois de ouvir o sim. Passava algo das três da tarde. Sol intermitente. As *alminhas* da Ponte, em lugar de seguirmos beira rio, metemos à direita, descemos dois patamares de caleiras de granito e eis-nos em pleno Barredo. A imundície era por muitos sítios, de muitas castas e cores. Montes de lixo embargam o passo. Crianças alejadas, pedintes. Cães, galinhas, gatos, — o Barredo na sua maior expressão. O meu companheiro enquanto caminhava e à vista de casas altas, vai-me perguntando se ali mora gente.

Estávamos justamente à beira da porta de uma aonde costume entrar e pergunto-lhe se gostaria de subir. *Com muito prazer*, disse. Eu à frente e ele depois, come-

Bairro D. António Barroso

Continuam as últimas pinceladas. O Senhor da casa *Manuel e Margarida*, que tem 84 anos de idade e reside em Lisboa, deseja estar presente no dia da entrega, que será no próximo Janeiro. Ele é do Porto. Sim senhor. Ele e os do Instituto de Vinho do Porto e os da Marconi e da Vacuum e da Alfândega e outros serão avisados a seu tempo. Há-de ser um domingo. Oxalá que f.ça sol.

Por tudo, *mas* muito principalmente por causa desta santa devoção, é que a diocese do Porto, Bispo à frente, resolveu consagrar à Sua memória, o núcleo das 28 casas de Miragaia para que de futuro se chamem e sejam efectivamente *Bairro D. António Barroso*. Honra à diocese. Foi nela que Ele recebeu os golpes do seu fecundo martírio.

A comemoração de Barcelos, foi agradável. A do Porto, útil. Juntamos as duas e temos feito uma grande memória a um grande Português.

camos a subida. Aqui também há Everests... de miséria! Como quem não conhece o terreno, vou afastando trapos aqui e além, que são a porta de pequenos antros. Há candeieiros de petróleo. Pergunto quem e quantos ali moram. Pergunto das rendas. Pergunto tudo de tudo, farto de saber estou, mas eu desejava que o meu companheiro escutasse. Nos patamares há enxergas e sobre estas entrevados. A uma pergunto e ela disse que há seis anos vive ali. O meu companheiro nota uma fenda na parede sem resguardo algum e sente o tempo que por ali passa. A padecente também nota a sua dor e explica: *já lá vão seis invernos; ainda ontem me molhei toda. Se não fosse Deus já tinha morrido*.

Ele toma um livro de apontamentos. Escreve ali ao pé de mim. Volta aos antros e à luz dos candeieiros, torna a escrever. Pára, como quem se pergunta a si mesmo: *que andamos nós a fazer?* Eu não compreendi, mas ele num instante completa o sentido: *que andamos nós a fazer? Que obras fazemos nós?* Aquele homem que soube guardar um magnífico silêncio até ali, agora irrompe, totalmente dominado pela forte comoção: — *mas é preciso que isto se saiba. Que se veja. Que o incrível se torne conhecido. De que servem as pontes e os canais e os monumentos e as grandes obras, quando esta é a maior de todas*. Eu estava deleitado com a eloquência, lá medindo as circunstâncias absolutamente casuais do nosso encontro e da maneira como o orador chegou até ali; e pela *doença* que Deus me tem dado de O ver em toda a parte, eu vi ali Deus.

Ele continua: *é preciso*. Parece que se repetia, mas não. Afirmava. Afirmação que era grito, assim como quem chama por homens para acudir a um perigo. *É preciso. Que venham aqui Ministros. Incógnitos ou anunciados, isso não importa, mas que venham ver. As outras obras podem esperar, mas esta não*.

Descemos. Continuamos pelo coração adiante, metemos pelos braços e outras artérias do Barredo. Aonde o coração af a força. A miséria é uma energia! Ele soube ver, medir e sentir. Também deve ter compreendido que aquela hora foi de Deus! A demolição do Barredo, há-de ser o milagre do século.

À saída do túnel estava o Morris e dali fomos ver o *Bairro D. António Barroso*, a Miragaia. A porta da Alfândega paramos. Ele olha. Em frente era o aglomerado

de casas; muitas casas, de muitas cores, dispostas em cascata. Ele torna a dizer — *esta é a nossa obra; as outras podem esperar*. Levanto o braço e ponho o indicador no sentido do Palácio de Cristal: *aquilo também?* Ao que ele responde num repelão: *cale-se!* E eu calei-me.

Estamos agora no coração do bairro. Ele vê e como é mestre, nada pergunta. Documenta-se com fotografias. Quer levar consigo que dizer e que mostrar. Eu aponto a quinta fronteiriça, cheia de barracas e o mais que lhes diz respeito. *Podemos lá ir?* pergunta. *Pois não*, respondi. Fomos. Outro «barredo»!

Eu disse ao meu companheiro que com a máquina que construímos o Bairro hoje à vista, poderíamos começar desde já a construir 200 casas semelhantes, sem incomodar ninguém. Tal como andam centenas delas a subir neste momento por Portugal fora, subiriam também aquelas, tal a força da Miséria!

UMA CARTA

Grande colaboração nos aparece agora! Esta é a terceira e o assunto é de tal forma actual e bem posto, que não nos sabemos furtar. Seja Pedro, seja Paulo, seja Apolo; é doutrina do Mestre e isso basta.

«Passo a incluir 20\$00 para pagamento "dumas linhas no seu famoso", para bater a tecla dos licenciados e doutorados do País, uma vez que os potentados continuam a fazer ouvidos de mercador, os tais ricos. MUITO se faria se eles quisessem! MUITO! MUITO! Mesmo assim, mesmo em face do crime que estão a cometer, que DEUS lhes perdoe, se ELE assim entender. Por que a justiça de DEUS é tão grande e tão PERFEITA, que nada escapa. É um colosso de justa justiça! BOA E SÁ JUSTIÇA! Vale a pena falar-lhe a contar com Ele! Mesmo com todos os defeitos da carne, Ele ouve-nos, se quisermos pedir-LHE.»

NO PRELO
O LIVRO «VIAGENS»



Aqui, LISBOA!

Acabo de tomar parte numa conferência eclesiástica onde se propunha como tema obrigatório, o estudo dos impedimentos matrimoniais. O conferente apresentou um tratado completo, em forma atraente. As leis da Igreja são sábias. Tudo está previsto: nem uma palavra a mais nem a menos. Foi sempre preocupação de quem serve a grei, não impor cargos insuportáveis nem separar o que Deus uniu. Para todos os impedimentos se encontrou remédio. A Igreja é Mãe.

Contudo não vim satisfeito. Mais do que lembrar a letra do Código, levou-me ali a expectativa de ouvir uma palavra de amargura, ou um grito de alerta contra o maior, o mais sério, o mais grave, extenso e profundo de todos os impedimentos. Aquele que mais fomenta a união livre, o incesto, o divórcio, o adultério, o aborto. O que mais favorece as ricas, a vadiagem, a criminalidade; enfim, o que mais limita a natalidade, incita a prostituição e degenera a raça.

Mas nem uma palavra sobre o caso, e, por isso, aqui estou a clamar! Este impedimento, (bom é que os moralistas e canonistas o registem à margem dos seus tratados) é a falta de casas. A habitação!

E não se diga que não é problema da Igreja. Recentemente se fez ouvir, mais uma vez, a voz do Papa condenando os que pretendem restringir a missão da Igreja às actividades de ordem espiritual. São nossos os problemas sociais, económicos e até políticos enquanto a eles se associa e deles depende a ordem moral.

E o que por aí vai de imoralidade, por deficiência de instalações apropriadas ao ambiente familiar... Não está em cheque o Decálogo, a honra de Deus, e dos seus filhos?

Basta que cite o caso do lugar de Santo Antão do Tojal. Felizmente que o problema não apresenta a mesma acuidade em toda a parte.

De cem famílias que nos rodeiam, apenas vinte delas estão legalmente constituídas. A mancebia é a norma geral. Mas isso é ainda o menos. E os que não casam?

Chamei há dias uma das vítimas, um operário de 28 anos, para dois dedos de conversa.

— Chico, quando é que v. se casa?

— Eu, casar? Enforcar-me?... Ainda não estou doido!

— Mas v. não sabe o que diz a Escritura: não é bom que o homem esteja só...

— Pois sim... mas a casa? Ir para aí, para um curral, como tantos? Isso é que não!

— Ora sente-se ali. Vamos lá contar quantos homens há por aí nas suas condições.

Ele ia dizendo e eu apontado os nomes. Incrível: nestas cem famílias, fomos encontrar, além dos pseudo-chefes, 52 homens, dos 22 aos quarenta anos, que não constituíram família, por falta de alojamentos. As oitenta, ilegalmente constituídas, foram na sua maioria, viciadas logo de início pelo mesmo motivo. A estes 52 homens corresponde um número ainda maior de mulheres.

Quantos pecados? Quantas anomalias!

Por isso a igreja está vazia e cheia a taberna. E que viria fazer à igreja aquela turba de gente, de vida tão irregular? Indecorosa até?

Cheguei a perguntar a mim mesmo, se não teria sido mais avisado, ter construído casas para estes homens antes de restaurar a igreja...

Este simples inquérito deixou-me desapontado e já não terei descanso enquanto não vir a caminho uma dúzia de casas para trabalhadores, a principiar pelos nossos operários. Isto vai ser o fermento.

O sistema de auto-construção vai abrir-nos o caminho. As oitocentas casas da diocese de Barcelona, os milhares delas de Málaga, as centenas da associação «Castor» em França, e as dezenas delas já principiadas em Portugal, dizem-nos das possibilidades da Igreja e da responsabilidade dos nossos chefes.

Uma sugestão nos consolou nesta reunião do clero: Que, pelo jubileu comemorativo das bodas de prata do nosso Patriarca, cada

DOCTRINA

Será possível um Reino de Deus temporal? Um Reino em que a Justiça e o Amor sejam Lei?

Cristo morreu pela instauração deste Reino; para que os homens pudessem alcançar durante a vida terrena direitos de cidadania na fase celeste e definitivo Reino.

Reino de Deus temporal... Reino de Deus Celestial... É uma divisão que os homens, por limitados têm de fazer. A realidade porém, é que o Reino começou no instante em que Jesus morreu e foi prometido que jámais teria fim.

A fase eterna é mesmo o prémio dos que trabalharam na *étape* temporal. O papel de cada homem na construção do Reino é

freguesia lhe oferecesse uma casa para pobres. Magnífica ideia! Trezentas e cinquenta casas a substituir outras tantas barracas. Trezentas e tantas famílias a dizer bem da Igreja e a rezar pelo seu Chefe...

Só a perspectiva desta ofensiva nos faz erguer as mãos para o céu. Bendito seja Deus que faz soprar um vento criador de vida nova, na assembleia dos santos.

PADRE ADRIANO

Da que nós necessitamos

Tudo quanto vai ter ao *Espeelho da Moda*, vem ter aqui; são carradas! Tudo quanto se deixa na Rua D. João IV 682, idem. Tudo quanto entregam aos vendedores, também. As encomendas postais do Império não se perdem. Agora mesmo chamei o Abel, que trouxesse 2 cestos da rouparia. Começamos a abrir. Teve de ir por outro! As do Ultramar são as mais apetitosas e apetecidas. Os nossos rapazes parecem uns fidalgos! Mais 50\$ do Assinante 21.454. Mais 250\$00 da Póvoa de Varzim. Mais do assinante 13.959 de Gondomar 70\$00. Mais 100\$ de Gaia. Mais do Albano de Mavalane 200\$00; dinheiro de África. Outra vez de Lourenço Marques metade. Tudo isto são quantias que nos chegam fora e acima da assinatura do *Famoso*; sendo portanto o pagamento do jornal uma ocasião de dar para a Obra. Assim como da assinatura, também uma grande parte dos nossos fregueses da tipografia, costumam arredondar. É desta sorte, um pouco daqui e um nada d'acólá, fazem com que sejamos o que somos. Em confirmação do que se acaba de dizer, temos aqui a Leopoldina de Proença-a-Nova, que recebeu 500\$ por ter leccionado uma aluna em regime de Campanha, e que fez ela? Que fez a Leopoldina? Perde o amor àquele dinheiro por causa de um amor mais alto e manda tudo para aqui, sendo 50\$ da assinatura. Deus não costuma operar milagres sem o concurso dos homens, mas, pondo eles algo de seu, sim. Mais 230\$ de Lisboa de um mealhinho do Pessoal da Secretaria da Comissão Reguladora das Moagens de Ramas. Quantos tostões! Mais 20\$00 de uma *Maria*. Mais 200\$ de Barcelos para o *Calvário*.

Mais 70\$ de Tomar. Mais 150\$ de Lisboa, da Júlia Hilda. Mais 100\$ de Braga. Mais 50\$ de *Alguém da África Ocidental*. Mais outro tanto de Coimbra. Mais 20\$00 de Lisboa. Mais 100\$ de Nova Lisboa. Mais metade da Costa do Valado. Mais 20\$ de Relíquias da assinante 18.501. Mais 100\$ de Tomar. Mais metade de Coimbra. Mais 150\$ de Lourenço Marques, de uma família (eu, minha mãe e meu marido) que escutou a nossa festa no Coliseu e quis assim pagar a entrada! Outro tanto e um fato que manda a mãe de um engenheiro, primeiro ordenado do seu filho. Quanto não amam estas mães! Quanto não há-de ela ter sofrido até ver hoje o seu filho aqui! Nem ela se lembraria jámais de uma Obra como a nossa, se não fossem os seus trabalhos. O Evangelho não diz bem dos que seguem por caminhos fartos e largos. Mais uma encomenda da Berta Ramos do Algarve. Mais do assinante 24.197 um vale de mil escudos, sendo 100\$00 deles para a assinatura — *esta pequena dádiva é feita com sacrifício*; justamente por isso é que o adjectivo *pequena* não tem ali lugar. Mais 100\$00 dos Carvalhos. Mais 135\$ do Porto. Mais 50\$ de uma jôcista. Mais o dobro de Lourenço Marques. Mais metade de Mafra. Mais 25\$00 e mais 20\$ do Porto de Chiumbe, África Ocidental. Mais 50\$ da Foz do Douro. Mais 200\$ de Lisboa. Mais um anel de Lisboa. Mais 50\$ de Casaldelo. Mais outro tanto. Mais o mesmo do casal R. D. de Lisboa. Mais roupas de Álvaro Pinheiro de Lourenço Marques. Mais 40\$ da mesma terra. Mais 50\$00 de Alhos Vedros. Mais outro tanto. Mais 500\$ do Porto. Mais 300\$ de Lisboa. Nada mais.

agora, enquanto dura a vida que um dia será mudada em Vida. O Reino de Deus no que diz respeito à actividade meritória dos homens, é temporal, é possível, é um dever que todos temos a cumprir.

Por isso a Igreja se interessa por toda a vida do homem. Nela nada é por acaso. Tudo, os mais insignificantes pormenores, têm uma função providencial. Todos têm uma repercussão moral. Tudo é útil e hábil para a consecução da Eternidade.

Os homens, por defeito nato, é que nem sempre sabem usar dos bens criados conforme ao projecto do Criador. Daí, a necessidade da presença da Igreja, a ensinar, a corrigir aquele uso. E Ela, que é Mãe e conhece esta necessidade, não se ausenta. Deixa muita vez as noventa e nove ovelhas e vai procurar a perdida e volta e junta de novo as cem, para todas se regozijarem.

A missão da Igreja não termina à porta do templo. Jámais parou ali desde Cristo e dos Apóstolos. E hoje, mais do que nunca, também ali não pára!

A Igreja é moderna. O que é de sempre é de hoje. Permanecendo a mesma, exactamente Aquela fundada por Cristo no minuto da morte. Ela sabe acompanhar o tempo, interessando sempre os homens que em cada tempo têm o sentido da perennidade.

Hoje, o maior centro de interesse é o social. Não é porque Ela agora se preocupe com o social e antes não. É que os homens deste século compreendem melhor Deus por ali. Por isso Ela lhes dá Deus por ali. Os Papas dos últimos cem anos não se têm cansado de apontar este caminho. Ainda há dias Pio XII, em discurso a Cardeais e Bispos.

O Reino de Deus temporal é possível e tem de ser erguido por toda a Igreja, desde o Santo Padre ao mais humilde dos seus membros. Ninguém se diminui por este esforço, às vezes de aparência tão material. A intenção e o sacrifício que requer, bastam para dar valor eterno à Obra.

O Reino de Deus no mundo não é o Reino acabado. A felicidade n'Ele é a vitória na luta, não o repouso da paz. «Eu não vim trazer a paz, mas a espada» — disse Jesus. Os cobardes e os vencidos acharão que não vale a pena lutar por algo que não será a perfeição consumada. Ainda uma vez mais o óptimo em oposição ao bom. Porém, os cristãos em plena pujança da sua virilidade, em plena posse da sua fidelidade à Igreja, continuarão combatendo, certos de que a obra iniciada será completa em um só golpe, por Deus, na passagem do tempo à Eternidade.

Na Comunidade Cristã de Jerusalém, a pobreza ou a riqueza de um era partilhada por todos. As dores ou alegrias de qualquer, da mesma sorte. Todos eram pobres, mas ninguém miserável. A Justiça não seria impecável, a felicidade não era sem mancha certamente... Mas não havia razão para revolta ou desespero. Ora se tudo o que é pode ser, aquela comunidade basta para nos demonstrar como é possível neste mundo o Reino de Deus.

Padre Carlos

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Não sei se alguém no mundo cristão teria festejado mais adequadamente a festa de Cristo Rei do que nós, este ano.

Foi um domingo de sol. As onze e meia estávamos na capela de Santa Luzia, da Eja, aonde celebramos com todo o povo da freguesia. Esta é a mais pobre do concelho de Penafiel. Estava tudo preparado e no fim dirigimo-nos ao sítio aonde iam ser entregues as duas residências ultimamente construídas. Formou-se um cortejo. À frente as crianças da catequese. Depois o povo. Por último o pároco da freguesia, o seu colega de Canelas mais eu. Estava preparado o jantar do qual os Pobres e nós comemos; cada grupo em sua casa por não cabermos todos na mesma.

Apresentaram-se pessoas de boa vontade com terrenos ali ao pé, declarando que estavam ao dispor do Snr. abade. Sendo ali a divisória das duas freguesias, resolveu o pároco de Canelas construir ali mesmo para os seus pobres e desta forma, não há-de demorar muito que se não veja naquele monte um grupo de casas ao serviço de ambas.

A estrada que por ali passa, rica de panorama, não dá sinal nenhum de outras riquezas. Se entramos nas povoações, tudo são casas de gente pobre. Só por milagre de zelo dos pastores das duas freguesias São dois soldados ao serviço do bem. Deus os ajude.

Passava pouco das duas horas da tarde, quando começamos a debandar. Havia ainda fumo dos magustos que as crianças fizeram sobre a terra virgem e surribada dos novos quintais. O pároco de Canelas retira-se para Sebolido, aonde ia pregar a festa de Cristo Rei. Levava assunto. O sermão

estava feito. *Os cegos vêm, os coxos andam, os surdos ouvem, os mortos erguem-se... porque os pobres são anunciados.* Na verdade, quantos começam hoje a ouvir e a ver e acaminhar noutro sentido e a erguer-se. Porquê? Porque os pobres são denunciados. Estava feito o sermão. E sem este entregar de casas a pobres, não há sermões que prestem. Eu também me fui embora pregar à freguesia de Águas Santas. Cheguei às quatro da tarde. Muito povo. Eram duas casas e quanto aos habitantes, o que é de melhor e mais completo; um casal de velhinhos com mais de oitenta anos cada um. Na outra casa, mãe e filho; um filho monstro de mais de trinta anos. Aonde habitavam uma e outra família? Não se diz. É melhor não saber. Alegremo-nos com a notícia de que hoje cada um habita a sua casa.

As casas de Águas Santas são obras dos vicentinos. Na Eja também os há. Em Canelas vai haver. A freguesia que os não tenha, melhor é que não faça casas do Património. É uma freguesia amputada. Falta-lhe um dos seus melhores órgãos. É lastimoso ouvir como há dias em Braga, numa reunião de vicentinos, que naquela diocese há concelhos inteiros sem uma conferência de S. Vicente de Paulo! Eu ouvi esta afirmação. Por isso não admira e compreende-se o que em uma carta me foi dito: *Em Braga há muita religião mas não caridade.* Como será nas mais?

COISAS NOVAS

Uma família de Oliveira do Hospital entregou à Câmara mil contos para casas de pobres; e uma outra, o terreno necessário.

AGORA

Demos a dianteira a estes seis irmãos:

«Somos seis irmãos pequenos e queremos oferecer uma casa aos pobres para que Deus permita que um dia tenhamos também cada um de nós, a nossa. Enviamos este ano 4.000\$00 e nos dois próximos anos a igual quantia em cada um e assim teremos uma casinha para os pobres. Como todos nós nascemos na Cova da Iria gostaríamos que a casa se chamasse de N. Senhora de Fátima.»

Assinam todos. São filhos de um Médico. Ao lado é um Engenheiro, condiscípulo que foi do nosso: *tanto eu como minha esposa, anciamos por chegar ao fim e com a ajuda de Deus, não demoraremos a cumprir o nosso voto:* 3 deles.

Hoje a vida só é aceitável de duas maneiras; na selva, entre animais, ou entre homens, mas lendo somente os notícias do *Famoso*. Se vamos para os grandes noticiários, temos medo de viver. Vai aqui com 100\$00, de Lisboa, uma amiga da infância de

sua querida Mãezinha. A carta é dirigida ao P.e Carlos. Veio ele e com ele chegam-nos muitas esmolas. *Digitus Dei!* Deixem passar um Licenciado de Aveiro e outro de Lisboa com 20\$00 cada um.

Deixem passar os Empregados do Banco Nacional Ultramarino de todo o Império:

«As nossas saudações. Junto, temos o prazer de enviar mais um chequezinho referente à contribuição dos Empregados do Banco Nacional Ultramarino, da Filial de Moçambique (Cidade).

Esperamos que todas as Dependências do Continente, Ilhas e Ultramar correspondam ao apelo dirigido pela sua congénere do Porto para que a Casa dos Empregados do BNU de todo o Império, seja um facto.»

O cheque de 940\$00 é assinado por Júlio Rodrigues da Costa, pela Comissão Angariadora de Fundos para o Património dos Pobres. É uma Comissão permanente - Lausperene!

Na festa de entrega em Águas Santas, compareceu um grupo de vicentinos de Rio Tinto. Três homens, um dos quais arquitecto. Admiráveis! Naquele sítio em que já falamos, à beira da estrada, disseram-me e é verdade que eu já vi; além da construída, já está outra a subir e vão erguer mais. A Câmara de Rio Tinto, alargou-se nos terrenos e alguém ofereceu uma bouça! Quando eu lhes perguntei se os habitantes das tocas ali perto seriam os escolhidos e seus barracos queimados, eles responderam que no centro da freguesia, existem dezenas de casos muito mais desesperados e que justamente para esses é que estão construindo com urgência. Como viverá aquela gente! Quão esmagados!

Disseram-me ainda os vicentinos que deliberaram sair para a rua a pedir de porta em porta. Eles estão determinados. Se tão poucos fazem tanto, o que não fariam a bem do mundo se cada paróquia tivesse mendigos dos pobres! Como estes de Rio Tinto devem ser todos os mais; apaixonados, resolvidos, fortes no Senhor. Pode muito entre os homens aquele que por devoção toma partido e defende os oprimidos pelos homens. Esses não devem temer nada. Podem calcar *serpentes e escorpiões*, que nada lhes fará mal. Assim como eles defendem os pobres, assim Deus os defende a eles. Esta doutrina é certa; é do Evangelho. Nos tribunais, nas repartições, nos campos e nos terreiros. Na presença das autoridades, fale o vicentino cheio de confiança e de humildade. Precisamos de fazer mais do que temos feito até agora. A visita ao pobre é o principal, sim, mas não é tudo; depois de sabermos como eles vivem, façamos valer os nossos conhecimentos.

Do Seminário de Lamego, mandam-nos a *Estrela Polar* aonde traz a coluna do Património dos Pobres. Os rapazes querem fazer casas. Dizem eles que na cidade há dois *barredos* e convidam os leitores a irem ao sítio com os seus próprios olhos. Dantes talvez não, mas hoje torna-se necessário que os seminários sejam comunidades de *revolucionários*. Pelo menos que se preparem ali tanto e tão bem para confessar Cristo como os *seminários* comunistas, para o negar. Em tudo fazer como eles. Ódio e Amor, não se tocam, mas caminham a par.

Eu até resolvi dar aqui a carta do Rapaz do 4.º ano de Teologia:

«Sou um seminarista do 4.º ano de teologia do Seminário de Lamego e presidente da Conferência de S. Vicente de Paulo existente nesta casa. Sou assinante e leitor assíduo de «O Gaiato». Reconheço-o como a fiel tradução do Evangelho. É o Evangelho adaptado ao nosso século. É dele que me sirvo muitas vezes para me orientar no trabalho a realizar pela Conferência de S. Vicente. Assim o programa a realizar este ano foi-me sugerido por V. através do nosso *famoso*: - Fazer um templo de cada casa dos nossos pobres» (Gaiato de 25-IX-54).

UMA COMUNICAÇÃO

O Director dos Serviços de Urbanização de Coimbra, acaba de receber instruções para se informar ao certo do número de casas até hoje construídas e nós respondemos que 148 delas, nos distritos de Bragança e de Vila Real, de Braga, de Vizeu, do Porto, de Aveiro, de Coimbra, de Leiria, de Santarém, de Lisboa, de Évora e de Beja. Mais informamos que temos sido a causa exemplar de outras iniciativas do género, de sorte que, hoje anda já por 400 o número de famílias que não tinham aonde viver e agora sim. Dissemos ainda, que tendo nascido o movimento no ano de 1951, vamos na média de 133 habitações por ano, com tendências a subir, pois que, quanto mais — mais.

Finalmente e por amor da verdade, indicamos o nome dos concelhos e freguesias aonde as casas são, o que num instante pode ser verificado; a máquina governamental é tão bem montada que o simples ai dado num ângulo estende-se a toda a parte. É fácil ir ao sítio, e apalpar e ouvir seus habitantes.

A matéria comburent deste incêndio é o estado em que vivem (eu ia a dizer morrer) as maiorias do mundo cristão. Essa verdade, hoje revelada, já se não pode esconder.

A Justiça tem sido e há-de continuar a ser a argamassa do Património, em que muito confunda os ignorantes.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

No último sábado de Outubro, ao meio dia, foi o jantar dos Pobres. Eram quarenta e pico, homens e mulheres, e representavam outras tantas famílias indigentes socorridas pela nossa e pela Conferência paroquial.

Os comensais ocuparam cinco mesas no pátio da cozinha; todas atalhadas e com os precisos, desde os guardanapos aos talheres.

Foi canja, tão apetitosa e saborosa que a maioria repetiu. O conduto, arroz de galinha. Vinho em abundância, pão de trigo à descrição e doce à sobremesa. Depois do estômago bem composto distribuiu-se uma regueifa e cinco escudos a cada bico. Aqui a alegria aumentou. Lágrimas de satisfação. Desejos de para o ano, se Deus quiser, nos encontrarmos noutra confraternização. É uma tradição que não se pode interromper, tão fundo cala na nossa alma e mais ainda, na alma dos pobres.

Como remate da festa cada qual foi à mercearia, com sua garrafa, receber azeite — a chave de ouro.

*** Do nosso muito amigo e Snr. Ventura Ferreira de Oliveira, a

(Continua na quarta página)

Colabore na «Campanha de Assinaturas», angariando novos assinantes.

Isto é a Casa do Gaiato

*** O antigo Botas, vairesponder brevemente no tribunal desta comarca com seu nome verdadeiro, António Pereira. Responder por duas que fez, conhecidas em Juízo; e também pelo assalto noturno a esta casa. Nós, como é natural, não podemos defender o rapaz. A justiça é o que é. Os Juizes não têm olhos nem ouvidos. Não o podemos defender, mas dois dos seus antigos colegas, Cândido e Domingos, hoje aqui tipógrafos, já requereram e devem-se apresentar no dia do julgamento. Eles contam pedir ao Snr. Dr. Juiz que transfira o réu para a Colónia Penal de Leiria, aonde estão, que agora me lembre, o Raúl, o Zé Maria, e o Ernesto Pinto. Na cadeia civil do Porto, está o Maximiano e não sei se outros noutras.

A par daquele esplêndido mapa, tal como vinha em o número passado, mostrando os pontos da Europa e América e África, aonde tantos dos nossos estão; a par desse mapa glorioso digo, não podemos colocar este. Não podemos, sim, mas ele existe. Ele é uma parte integrante da nossa obra! Se tal não fora, não seria uma obra humana. O pescador que lança a rede, traz peixes bons e maus e alguns, até, venenosos. No dia do julgamento final o Filho do Homem há-de vir em majestade e apartar os bons dos maus. Não vale a pena aprofundar aquilo que não conhecemos. O homem é ainda hoje o grande mistério aos olhos do homem.

*** O Antoninho já tem cabelo e agora parece bem no meu pequenino refeitório. Está muito longe do Manel do Embriulho contudo, ontem foi a segunda vez que ele trouxe o seu prato de sopa e depois de me servir e enquanto eu comia, foi ele comer a sua na ponta da mesa, sem me pedir licença. Eu adoro estes atrevimentos. Não há nada que mais prenda o discípulo ao mestre. É a sopa...

Antoninho anda muito interessado no cinema. Não larga o Avelino e tanto o tem massacrado que ele, Avelino, não teve outro remédio senão telefonar para Lisboa a pedir fitas e deve ser já no próximo sábado. O Antoninho convenceu o operador.

Vai ser um dia cheio.

*** O Benardino, que estava colocado no Porto, rua dos Clérigos, houve de ser chamado e encontra-

-se no meio de nós como ajudante de coziheiro. Ele tem dezasseis anos e a sua namorada outros tantos. Ninguém o aturava no Lar do Porto muito menos os seus patrões. Tinha o dever da escola noturna e achava-se incapaz de estudar. Oferecia prendas sem dinheiro. Não tinha cabras e vendia cabritos...

Todo ele era uma tempestade! Felizmente que estes casos de precocidade são raros.

Quando assim acontece, só uma separação inteligente e carinhosa. É ele quem me traz agora a cidreira. Deita na chávena, põe açúcar, mexe e diz tome. Eu começo a sorver. Se muito quente, devagar. Se tépido, depressa. Todo ele é uma ansia, a inquirir; e como eu de mais nada precise, damo-nos as boas noites e ele afasta-se para a sua casa.

*** Temos hoje um embaixador em Londres: se precisar que lhe trate de algum assunto aqui em Londres, tem um criado às suas ordens. É o Amândio do Carmo, natural do Porto, «sem pai». Se não fora este crime de origem, a nossa seria uma Obra social perfeita. Assim não; é uma conivente... forçada. O embaixador, quer O Gaiato. Não dispensa a sua leitura e diz—fico pedindo a Deus por si e pela nossa Obra, que esteja eu aonde estiver saberei dizer com orgulho e vaidade o nome da Casa do Gaiato. Este orgulho e esta vaidade, que são vermes da alma aqui tem outro sentido. Os de África, costumam pôr nas suas cartas a mesma ideia, por outras palavras: O Lixo quer fazer ver.

O nosso embaixador assentou residência na Embaixada do Brasil, Mayfair, W. I. London. Se os senhores vierem a precisar algo da grande metrópole, visto como a nossa Obra é de todos que nos querem bem, façam do Amândio o seu embaixador. Com vista à senhora do Amândio.

*** Também o Armando Alfredo escreve da Ilha Terceira, sendo hoje o operário n.º 197 de uma Empresa de Construções, aonde ganha \$1500. Levou para ao pé si o Rogério, seu irmão e um da Casa do Gaiato. Vai-se casar com uma rapariga da Ilha do Pico de quem me enamorei quando aqui fui tropa. Assim vamos dilatando pelo mundo, este novo mundo das Casas do Gaiato: Eu tenho-lhe muita amizade e nunca me esquecerei de tudo o que me fez, o que muito lhe agradeço. Nem pode esquecer. Não pode. Desse que seja um normal, este e outros, não podem esquecer.

*** Temos hoje na nossa comunidade de Paço de Sousa uma pequenina anomalia: deu-se entrada a uma mulher já avançada, que trata das galinhas e outras coisas assim. Quando a senhora da cozinha a conduziu ao novo aposento e ela vê a cama feita, solta um ai! E com esta sílaba disse tudo.

No dia seguinte, a mesma senhora quis saber como tinha passado a noite e se gostou do leito. Nem uma pulga, — outro espanto da recém-chegada. Mais uma vez a senhora da cozinha interfere, desta feita a perguntar se precisa de mais cobertores. Eu nunca tinha visto um cobertor em toda a minha vida. Ela não pede; não quer mais. Pedem tão pouco os que nunca tiveram nada!

PAÇO DE SOUSA No passado dia 1, festa de todos os Santos, foi o nosso magusto, como é costume.

Estiveram presentes os nossos irmãos do Lar do Porto que tinham vindo no dia anterior, tendo pernoitado no nosso hospital, que se encontra presentemente às moscas...

Não deve ser por muito tempo; pois quando o frio apertar, não faltarão pretendentes. Com o hospital, fomos perdendo o fio à meada e o magusto ia ficando para trás.

Fizeram-se dez fogueiras, tantas quantas casas aqui temos e contando com a do Lar do Porto. As castanhas foram divididas pelo nosso chefe em outros tantos sacos.

Depois, as fogueiras a arder, davam um lindo aspecto, e à medida que se iam assando, ia-se-lhes tratando da saúde...

Depois o garrafinho de vinho e o chefe da casa molhando o bico aos seus súditos.

Depois a desordem que havia, pois os que se tinham adiantado mais a comer, iam para as fogueiras dos outros e muitos a quererem levar os chefes ao cebo para beberem mais que um copo.

De manhã os nossos irmãos do Lar do Porto defrontaram a nossa equipa de futebol, tendo sucumbido pela expressiva marca de 6-1.

Não admira, pois o nosso grupo joga mais vezes, tendo por isso mais calor, não fazendo por isso vantagem nenhuma. Os do Lar do Porto acusaram muito a falta de treino.

Os nossos melhores: Cândido Pereira, Malaia, Nicolau e Juvelino. Os do Lar do Porto: Lourenço, Buarcos e Manuel Henrique.

O nosso grupo jogou muito mais e os do Lar do Porto sabendo disto era melhor ficarem em casa.

Para outra vez não saiam da toca...

Também para os nossos colegas do Lar do Porto, o nosso grupo cénico repetiu o espectáculo dos anos do Pai Américo, tendo toda a malta passado uma hora bastante agradável.

No mesmo dia à tarde, a nossa reserva foi jogar a Cête, tendo saído vitoriosa pela marca de 1-0 depois de intenso domínio.

Parabéns aos nossos pela vitória, e aos nossos adversários pelo desportivismo com que aceitaram a derrota.

No mesmo dia à noite e para fecho da festa, fomos rezar o nosso terço ao Cemitério da freguesia, à beira das campas aonde descansam os nossos irmãos que já se despediram de nós, desta etapa da vida.

Que Deus os tenha no seu Seio e que eles se lembrem de nós que somos tão fracos!

O nosso novo livro Viagens, que esperamos seja a prenda do Natal, encontra-se em franco movimento. Imprensa que foi a oitava folha, o prelo está-se entregando com a nona. Sempre pra frente.

Esteve entre nós um dia antes de partir no vapor Quinza para África o nosso colega José Ferreira—o Poveiro—que vai exercer a profissão de serralheiro mecânico.

Segue sempre o caminho direito, como aqui em casa aprendeste, se queres vencer na vida. Nunca te esqueças destes teus irmãos e não te retires de Deus, para te não comprometeres.

Pensa neste teu irmão que põe em ti uma confiança ilimitada.

Se as coisas te correrem mal ao princípio nunca desanimes, luta sempre contra a maré, para assim a vida te sorrir. Nisto consiste a tua vitória, mas para isso é preciso não andar arredado de Deus.

Saudades de ti da malta e os cumprimentos deste teu amigo certo.

Daniel Borges da Silva

LAR DO PORTO No dia 23 de Outubro foi aqui uma festa, visto o nosso Pai Américo fazer anos. A comida foi melhorada, e não faltou aletria, e o pão de ló que nos soube muito bem. Pena foi que tivesse um defeito: era saber a pouco.

—Não nos esqueçamos de ir à Santa Missa e comungarmos por ele, que sem sombra de dúvida merecia isto e ainda mais alguma coisa.

Os grandes vieram para o nosso lado comer conosco. Para solenizar mais ainda a festa comeram da nossa comida e tiveram as mesmas regalias que nós. A sala oferecia um lindo aspecto. O quadro do Pai Américo com uma colcha de volta e também com flores não podia estar mais bem engalanado.

Sabíamos que ele estava para Sevilha e a noite era possível vir jantar conosco, e quando entrou na sala qual não seria a surpresa dele, ao ver aquilo. Sempre esteve muito satisfeito durante a refeição. E o «Hélio» resolveu fazer um discurso, em nome de todos nós que muito sensibilizou o Pai Américo. Por fim o nosso Pai sempre se resolveu a dizer-nos algumas palavras, e disse-nos que estava já a ganhar surtidas brancas e algumas delas por nossa causa e para terminar disse que já estava cansado e que precisava que nós servissemos de boas muletas não lhe dando desgostos. Nós vamos fazer por isso, Pai Américo, mas... nós não somos nenhuns santos... Terminou a festa com uma voltita cá por fora. Ninguém talvez jamais esquecerá este dia de tantas recordações.

No dia 31 de Outubro fomos até Paço de Sousa onde lá passamos o domingo e a segunda visto este dia ser feriado. Os nossos júniores defrontaram a turma deles em que saímos derrotados por 6-1. O resultado não mostra como o jogo foi disputado; em todos os sentidos o jogo foi muito pobre, mas os nossos irmãos ganharam bem. À despedida todos nós

ficamos com pena de deixar os nossos irmãos que sempre se mostraram nossos camaradas, principalmente o Cândido Pereira que foi sempre muito atencioso.

Partiu para África mais um dos nossos irmãos que era o José mais conhecido entre nós por Ze Poveiro. Esteve junto de nós alguns dias e foi-se embora no domingo dia 7, à noite. Alguns foram com ele até a estação de Campanhã. À despedida estava também a sua namorada e mais alguma gente que não pôde conter algumas lágrimas. Zé, boa viagem e felicidades e o que nós te desejamos. Vê lá se dá conta do recado. Olha que tens o nome da Casa do Gaiato em cima de ti e nós também queremos ir para lá.

—Mais uma vez recebemos da «Margarina Chefe» 3 caixotes cheios de margarina que à merenda nos sabe muito bem. Isto é mesmo uma delícia. Os senhores não se esqueçam da «Margarina Chefe» para todos os cozinhados.

João de Buarcos

TOJAL Sempre fomos a Fátima em Outubro. Os mais velhos pediram para ir a pé, mas o tempo não estava para isso. Depois de acabar o trabalho do dia, fomos-nos arrastar e partimos na furgoneta guiados pelo Pedro, às cinco e meia da tarde. Quando chegámos a Fátima já era noite.

Tomámos parte em todas as cerimónias e não nos esqueçamos de pedir a Nossa Senhora pelo Pai Américo, por todas as nossas Casas, benfeitores e amigos. Voltámos com vontade de sermos melhores, assim Deus nos ajude.

—Num destes dias, já estava tudo deitado. Era já uma hora da noite, quando o Pedro desconfiado, por ouvir o cão a ladrar, se dirigiu ao curral dos porcos. Qual foi o seu espanto quando viu diante dele um larápio com um leitão debaixo do braço. Dentro do curral estava outro com outro leitão. Os fulanos assim que viram o Pedro começaram logo a fugir. Este manda dois tiros, mas felizmente não acertou em nenhum. Assim que ouviram os tiros, largaram os leitões para assim poderem fugir mais depressa. Apanharam tal susto, que até hoje, ainda cá não apareceram.

—Hoje foi distribuída a todos, roupa de inverno. Todos receberam camisas de flanela e pulovers. Estas roupas gastam-se depressa. Já esperamos aquelas camisolas que muitas senhoras estiveram a fazer durante o ano. É isso que nos vale.

—Acabámos de apanhar agora a azeitona, foi apanhada quase toda pelos batatas, que eram os que não tinham escola. Foram só 2.200 quilos, que não chegam a dar 200 litros.

—Está mais ou menos combinado inaugurar as casas de S. Roque no dia 1.º de Dezembro. Não há sítio mais lindo nestes arredores de Lisboa. Os senhores subam e vão ver se é certo ou não. São as casas do Lobito e do Trigo.

João A. Gouveia Marques

S. MIGUEL-AÇORES —Como é do conhecimento dos nossos leitores, já há uma Casa do Gaiato nos Açores Ilha de S. Miguel.

A nossa Casa está fundada há dois anos mas só nos fins de Setembro e por razões várias é que o Pai Américo a reconheceu como sua.

Eu como freguês da Escola Industrial, fui obrigado pelo Sr. Padre Elias a escrever para o Gaiato de quinquena a quinquena do que se passa cá por casa.

—Num dos primeiros dias de Setembro o Sr. Padre Elias desapareceu sem dizer nada a ninguém.

Perguntamos às Senhoras e nada. Uns que estava para a casa da família outros que tinha ido ao Seminário e alguns dos mais espertos que estava para o Pai Américo.

Ao cabo de cinco dias ei-lo conosco e com a notícia da vinda do Pai Américo. Ficamos muito contentes porque era a primeira vez que recebíamos a sua visita e ainda não o conhecíamos.

Quando chegou o telegrama, a malta ia perdendo o tino. Pouco se dormiu naquela noite.

No outro dia fomos esperar o Pai Américo a Santana. Foram três dias lindos mas muito curtos. As palavras que o Pai Américo nos dirigiu pela primeira vez, não as esqueçamos. Na hora da despedida o Pai Américo disse-nos até logo. Que este até logo não seja prolongado e que o Pai Américo nos traga as equipas de futebol.

—Agora vamos deixar a cidade e vamos montar a nossa casa em Monte Alegre estrada das Capelas.

Estamos contentes porque lá em cima aquilo será tudo nosso e tem muitas árvores de fruto.

O pior é para mim e para o Zé das Latas que andamos na Escola Industrial, mas o Snr. Padre Elias há-de resolver.

—O nosso grupo orfeónico e cénico anda agora a preparar-se para a festa do Natal. Por aqueles dias costumam vir cá cá, em hora marcada, muitos amigos com brinquedos, doces, roupas e dinheiro e nós queremos agradecer-lhes de alguma maneira. Temos canções, poemas e coro falado.

Temos hoje a venda do famoso e quase vendemo-nos dois centos. Dentre em pouco a máquina tem de tirar mais um milheiro, porque toda a gente em Ponta Delgada quer comprar o Gaiato.

Desculpem mas esta foi a primeira vez que escrevi para o jornal.

Angelo Manuel

(Continuação da terceira página)

importância dum recibo do Gaz e Electricidade do Porto, 48\$00. De uma Maria, 5\$00 e espero todos os meses enviar-vos igual quantia. Desculpa ser tão pouco. Belandina Cordeiro, de Lisboa 20\$00, que me foram dados por uma amiga (anónima). Dum assinante de S. Pedro da Cova, 20\$00. O n.º 9.954, do Porto, 20\$00. O n.º 9.197, de Lisboa, com igual quantia. Em nome de Sãozinha, uma filha muito querida de seus pais, 100\$00. De Sinfães, para a Conferência de S. Vicente de Paulo da Aldeia, 20\$00. Do assinante 17.022, de Leiria, outro tanto. Por fim, da Vila Mariano Machado, em cumprimento de uma promessa, envio 100\$00 para os pobres da Conferência. A todos, os nossos agradecimentos.

Julio Mendes